

Relacionamentos abusivos entre jovens: o impacto subjetivo da violência da indústria cultural

LUIS FELIPE DE ALENCAR PRAXEDES *

VINICIUS ROMAGNOLLI RODRIGUES GOMES **

Resumo: O presente artigo buscou investigar a possível influência da Indústria Cultural no fenômeno de visibilidade crescente dos abusos psicológicos em relacionamentos afetivos entre os jovens, temática pouco abordada nas pesquisas acadêmicas. Para tal, foi realizada revisão bibliográfica da literatura relacionada a adolescência e juventude, a indústria cultural e a subjetividade, a violência e os modelos de relacionamento interpessoal da contemporaneidade. A hipótese é de que os produtos midiáticos da indústria cultural exercem influência na subjetividade de maneira a estabelecer uma relação com relacionamentos abusivos. Através da leitura, verificou-se uma suscetibilidade particular dos adolescentes e jovens às ideologias difundidas pelos produtos de massa, o que acaba por idealizar relações afetivas a partir do viés do amor romântico e por banalizar a violência em ato, ambas consequências podendo produzir relacionamentos abusivos.

Palavras-chave: Adolescência; Violência; Psicanálise; Teoria Crítica.

Abusive relationships between young people: the subjective impact of cultural industry violence

Abstract: The present article aimed to investigate the Cultural Industry's possible influence on the progressive visibility phenomenon of psychological abuses in relationships between the youth, thematic little approached in the academic researches. To do so, it was made a bibliographic revision of the literature related to adolescence and youth, the Cultural Industry and subjectivity, violence and the models of personal relationship on contemporary age. The main hypothesis is that the Cultural Industry's mediatic products influence the subjectivity in a way that relates to abusive relationships. Thorough reading, it was verified a particular vulnerability of teenagers and young adults to the ideologies propagated by the massive production, which ends on idealizing personal relationships through the view of the romantic love and on normalizing the violence on act, both consequences being able to produce abusive relationships.

Key words: Adolescence; Violence; Psychoanalysis; Critic Theory.

* **LUIS FELIPE DE ALENCAR PRAXEDES** é Graduado em Psicologia pela Unicesumar, Pós-Graduado em Psicanálise Contemporânea pela EPPM, e Mestre em Psicologia Clínica pela USP.

** **VINICIUS ROMAGNOLLI RODRIGUES GOMES** é Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp); Diretor acadêmico da Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (PR).

1. Introdução

A discussão acerca dos contornos que toma a cultura na contemporaneidade e sua relação com o ser humano obteve várias nuances no decorrer dos anos. Enquanto teóricos da escola de Frankfurt se debruçaram sobre o tema, como Theodor Adorno (1903-1969), que cunhou o termo “Indústria Cultural” para se referir as grandes produções midiáticas com fórmulas repetitivas e o intuito de homogeneizar a produção e o consumo de bens (Adorno, Horkheimer, 1944), o sociólogo da pós-modernidade, Zygmunt Bauman (1925-2017) trouxe à tona uma decadência das vias de sublimação – primeiramente observadas pelo famoso psicanalista Sigmund Freud (1856-1939) – devido à uma revolução sexual aliada a um hedonismo exagerado (Bauman, 2003). As megalomaníacas produções da indústria cultural, os veículos de notícia difundindo estilos de vida consumistas, exercem forte influência sobre diversos âmbitos da vida, os quais podemos citar os relacionamentos afetivos, que serão por sua vez alvo deste estudo.

Os relacionamentos interpessoais que os seres humanos constroem durante suas vidas, sejam eles de natureza romântica, de amizade ou familiar, são um objeto artístico e de reflexão tão antigo quanto a própria arte da reflexão – afinal, os grandes mitos gregos como a Odisseia já giravam em torno de relacionamentos (como o herói Ulisses voltando para sua amada Penélope no épico supracitado). Mesmo considerando a antiguidade das discussões acerca dos relacionamentos, as complicações inerentes a estes não se tornaram mais esclarecidas, apesar dos esforços de diversas áreas de conhecimento, como a filosofia, a sociologia, a psicologia, e até mesmo a biologia em tentar trazer alguma luz a isso.

Nos dias de hoje, no campo da *internet*, muitos daqueles que convencionou chamarem de criadores de conteúdo, muitas vezes direcionados a um público mais jovem, também apresentam supostas soluções. A *youtuber* brasileira JoutJout, em seu canal homônimo, busca ainda fazer uma denúncia: em um de seus vídeos mais famosos, a artista expõe o que é e como saber se está em um relacionamento abusivo, permeado de violências dos mais diversos tipos. No vídeo em questão, ela dá ênfase a violência psicológica devido ao seu caráter por vezes implícito e difícil de se identificar.

Relatos que se enquadram nas descrições fornecidas por JoutJout são possíveis de serem observados tanto no dia-a-dia como na prática clínica, ainda que muitas vezes requerem um olhar mais atento e com senso crítico que possa enxergar violências naturalizadas. Adolescentes e jovens adultos expõem com frequência nas redes sociais abusos psicológicos sofridos, sejam em casos pessoais ou de amigos ou familiares, e de que forma podem ajudar estes que estão atualmente em um relacionamento abusivo, conforme mostra o artigo “Redes sociais ajudam vítimas de relacionamentos abusivos”. Sem entrar em minúcias, neste artigo, uma adolescente de 18 anos, relatou sua experiência em que o parceiro a chantageava emocionalmente e tentava controlá-la a todo momento. Aliados a estes relatos, uma pesquisa de 2012 (Fonseca, Ribeiro e Leal, 2012) traz dados significativos de violências sofridas por mulheres em seus relacionamentos: no Brasil, a cada cinco dias que uma mulher falta no trabalho, um foi causado por violência doméstica – isto é, a violência perpetrada no lar, seja ela física, sexual, psicológica, moral ou econômica, de acordo com a Lei nº 11.340; em outro dado da mesma pesquisa, 25% a 50% das mulheres na

América Latina são vítimas de violência conjugal (Fonseca, Ribeiro e Leal, 2012).

Diante dessas questões, esta pesquisa teve como objetivo realizar uma breve discussão acerca dos relacionamentos abusivos e investigar uma possível influência da indústria cultural nestes processos, bem como a relação desta com a psique humana a partir de um viés psicanalítico. Considerando os relacionamentos abusivos um fenômeno gerador de significativa angústia, com crescente destaque nos meios sociais e acadêmicos, o objetivo maior foi de contribuir para o avanço científico e uma compreensão talvez diferente, das nuances das relações humanas. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica tratando da influência da indústria cultural na subjetividade e nos processos identificatórios, da violência em uma abordagem psicanalítica, e os modelos de relacionamentos na modernidade.

Para compreender melhor este processo, investigamos a manifestação e constituição da violência na vida psíquica dos sujeitos hoje, a partir de um viés psicanalítico. Exploramos a concepção de uma cultura de negação da violência (Marin, 2002), a contribuição de um hedonismo exacerbado para um narcisismo clínico e agressividade (Caniato, 2009), e, supostamente para os relacionamentos abusivos. Por fim, nos questionamos também de que forma os adolescentes e jovens, devido a uma vulnerabilidade inerentes a essas fases da vida, se tornam suscetíveis a modelos identificatórios advindos da indústria cultural (Gomes, 2013) e à passagem para a violência em ato.

Para tensionar as questões centrais que orientam este estudo, e considerando a abrangência do tema, optamos por dividir este artigo em seções, começando pela caracterização da adolescência a

partir dos referenciais aqui escolhidos, seguido pela definição de indústria cultural, a percepção acerca da violência em um sentido psicanalítico e os desdobramentos subjetivos do cenário contemporâneo. Por fim, uma discussão associando os eixos explorados ao questionamento principal acerca da influência da indústria cultural nos relacionamentos.

1.1 Caracterizando a adolescência

A idade cronológica da adolescência é alvo de debates, com órgãos de saúde e outras instituições divergindo no início e no fim respectivamente. Para a ONU, dos 15 aos 24; para a OMS, dos 10 aos 19; no Brasil, para o Estatuto da Criança e do Adolescente inicia dos 12 aos 18, mas para o Ministério da Saúde, dos 10 aos 24 (Eisenstein, 2005). A aparente dificuldade de se demarcar um fim propriamente dito da adolescência se dá por uma série de fatores, de ordem cultural, social, biológica, psíquica, mas as colocações de Gurski (2012) acerca do tema revelam um fenômeno que pode estar relacionado a essa resistência da adolescência em definir seus limites, no que a autora chamou de juvenilização da cultura. Este conceito trata de uma tentativa de prolongar as vivências adolescentes, motivada por uma propaganda midiática da felicidade e de seus símbolos enquanto consumismo, que por sua vez só se torna possível supostamente através da presumida saúde e vitalidade do corpo jovem.

Isso resulta no confinamento do adulto em uma fase anterior da vida, com este adulto buscando essa aproximação do jovem – que por outro lado estará angustiado pela necessidade de se diferenciar do primeiro –, colocando em crise a autoridade do adulto na sociedade como um todo, seja na família, na escola e demais espaços. Sem figuras de autoridade ou modelos de identificação,

o adolescente se vê desamparado e angustiado, fazendo-o se voltar para representações que possam lhe trazer alguma sensação de identidade e de caminho, oriundas de uma Indústria Cultural que coage ao consumismo (Gurski, 2012).

Se faz presente também em certos discursos uma ideologia desenvolvimentista que torna a adolescência, uma mera fase de transição, cuja única função seria preparar o sujeito para a vida adulta, cercada por uma aura de autonomia e independência. Tais visões acerca da adolescência e da idade adulta revelam um certo ideal individualista inalcançável, que acaba por desconsiderar o jovem enquanto pessoa singular e atribuindo a ele comportamentos padronizados tidos como típicos para uma idade de transição (Gomes, 2014). Em contraponto a este adultomorfismo, a adolescência pode ser encarada como uma fase não apenas de transição para um suposto nível de completude, mas sim, detentora de características e singularidades próprias, levando em conta ainda as diferenças culturais e individuais.

Para Aberastury e Knobel (1993), a adolescência é um período de significativa angústia, decorrente do processo do luto pela identidade infantil, pelo corpo infantil perdido e por uma visão idealizada dos pais. Estes conflitos por vezes levarão o adolescente a manifestações de caráter defensivo, fóbico, contrafóbico, maníaco, psicopático ou esquizoparanóide, no que os autores chamaram de “patologia normal da adolescência”: uma exteriorização de seus conflitos a partir de sua estrutura e experiências que por sua vez irão se provar fundamentais na estabilização da personalidade e do amadurecimento, sendo assim uma fase

da vida inteiramente marcada pelo conflito. Dentre as manifestações podemos citar uma busca de si mesmo e de uma identidade, uma tendência ao agrupamento, necessidade de intelectualização e fantasia, deslocalização temporal, evolução da sexualidade manifesta, atitude social reivindicatória, contradições constantes em condutas impulsivas e flutuações de humor e estado de ânimo (Aberastury, Knobel, 1993).

A angústia intensa que esses conflitos trazem anseiam o jovem a estabelecer-se de maneira distinta da infância – no que concerne ao seu corpo, tanto biológico como psíquico e socialmente – buscando formas de simbolização que são para ele uma possibilidade de se inscrever, de deixar sua marca, através de representações que se pretendem singulares no cenário social. As grandes produções da Indústria Cultural fornecem modelos identificatórios que prometem a realização de suas pulsões, tornando-se para os jovens fundamentais para seus próprios processos de construção da subjetividade, a partir das manifestações conflituosas citadas acima.

1.2 Caracterizando indústria cultural

Após considerar a particular suscetibilidade no qual o jovem está com relação a Indústria Cultural, passemos por discorrer acerca desta última. O termo Indústria Cultural, primeiramente cunhado por Theodor W. Adorno, refere-se a um fenômeno que a partir do século XX passa a ocupar um lugar central de homogeneização das massas, função exercida pela Igreja até séculos antes, onde foi lentamente deposta pelo sistema econômico capitalista e a ideologia positivista. Contando com uma frenética produção de filmes, músicas, programas de televisão estruturalmente idênticos e previsíveis, seu objetivo é a de

padronização do consumo. Financiada e mantida por indústrias paralelas a estas, a existência da Indústria Cultural depende da submissão às indústrias de petróleo, aço, medicamentos, alimentos, armamentos e outras, e a padronização e homogeneização almejadas existem não como sintomas surgidos do aumento de tecnologia, mas como meios para a consumação de seus objetivos de produção e distribuição em massa dos produtos, selecionados em parte pelas necessidades dos indivíduos, em parte pelas conveniências de produção como custo, mão-de-obra, logística, demanda etc.: as exigências do capitalismo (Adorno & Horkheimer, 1985).

A partir da divisão dos produtos em categorias, a Indústria Cultural pretende uma distinção entre os consumidores, influenciados e coagidos dessa forma, a consumir os produtos feitos sob medida para a categoria na qual foram incluídos. Adorno ainda observa que uma indústria cultural poderia surgir apenas em uma sociedade alienada de si mesma e da própria vida humana e que, ansiosa pela dominação, utiliza a racionalização técnica e os meios para tal como justificativa, e seu monopólio concentrado entre um setor privilegiado da sociedade que define os rumos do restante (Adorno, Horkheimer, 1985).

A padronização do consumo, mecanismo adotado para produção e distribuição em massa, se sustenta a partir do controle da consciência individual. Expondo o sujeito a uma mídia que o torna passivo, não permitindo o poder de resposta e de mudar aquilo que está sendo recebido, ou de permitir sequer tempo para introspecção¹, esse mecanismo direciona as necessidades dos sujeitos aos produtos que estão sendo vendidos pelas

indústrias, através de uma propaganda direta ou indireta, ao mesmo tempo em que não abordam necessidades e desejos difíceis (e até mesmo impossíveis) de serem monetizadas, produzindo o seu recalque.

Da mesma forma, a criação de ídolos, figuras por definição inatingíveis, pensadas e realizadas pelos produtores chefes do setor, servem ao propósito de vender produtos e acessórios partindo do princípio de que há uma carência no indivíduo receptor. Uma angústia fundamental possível de ser sanada, ao menos segundo com a propaganda, se o sujeito se tornar como o ídolo, ou meramente similar a ele, supostamente um indivíduo completo, consumindo e utilizando tudo que o tornaria, portanto, onipotente (Adorno, Horkheimer, 1985).

Os conteúdos dos filmes, músicas, programas de tv, surgem da consciência dos produtores, repetem ciclos de artistas e produtos invariantes fixos e acabam por serem essencialmente os mesmos, com diferenças mínimas de um para o outro, apenas em detalhes substituíveis e desgastantes. Esses clichês calculados são utilizados para compor o produto de forma previsível, de maneira que a progressão esteja dentro do esperado pelo espectador e produza, assim, emoções específicas pré-determinadas pelo produtor. Dentro da arte para as massas, os detalhes intercambiáveis entre as produções, partem da performance e da produção técnica, e se tornam predominantes em detrimento da ideia que originalmente a arte deveria apresentar. Este foco no detalhe substituível, no efeito, torna a obra desprovida de significado, e a produção meticulosa organiza esses elementos em uma fórmula pré-estabelecida que

¹ Na época em que Adorno faz sua crítica, ele cita o rádio, já que este era um forte meio de comunicação então. Suas críticas podem ser

estendidas também à televisão, e a própria internet décadas mais tarde.

substitui o trabalho do artista, em uma ordem cuja soma visa induzir certas emoções e estados na audiência (Adorno, Horkheimer, 1985).

Através de uma arte que atrofia a capacidade de reflexão no tempo de sua duração e exclui qualquer possibilidade de resposta, a consciência é capturada e o mundo passa a ser observado pela lente imposta pelo produto midiático, considerando que este último pretende reproduzir com o máximo de fidelidade possível o mundo material e se tornar um só em continuidade com o mundo. A cidade, a vida e as pessoas, acabam por sua vez a obedecer a ordem estabelecida pelas produções e igualarem-se a estas. Sem a especulação, imaginação e reflexão ausentes nesta arte para as massas, as obras perdem qualquer profundidade e possibilidade de criticidade, rendendo o espectador às suas propagandas e ideologias – o mundo do filme invade e captura a percepção da pessoa. (Adorno; Horkheimer, 1985).

Dentro da Indústria Cultural, o ideal de natural se torna o silêncio. A ausência de um significado que se torna anulado perante um deslumbre produzido pela tecnologia, com mensagens subordinadas a técnica, e não o contrário, característica das obras de arte ditas verdadeiras por Adorno. Conforme a tecnologia se desenvolve, surgem mais meios de imposição deste silêncio, e aperfeiçoa-se a reprodução fiel do mundo material, tornando nebuloso o limiar entre a obra produzida e a vida cotidiana. A rotina, transformada então pela ausência de qualquer reflexão contrária ao que foi imposto, é preenchida pelos ideais de consumo expostos pela obra. É o paradoxo em que a arte, ao ser simplificada, através da tecnologia se iguala ao mundo material e o reproduz, mas ainda com os ideais de consumismo que pretendem substituir as

consciências individuais, que irão enxergar o mundo, portanto, a partir destes ideais (Adorno; Horkheimer, 1985).

1.3 Violência

Uma das nuances para se compreender o fenômeno dos relacionamentos abusivos, é debruçar-se sobre o tema da violência em si, considerando como esta pode manifestar-se em uma relação afetiva. Da mesma forma, a influência exercida nos indivíduos pela Indústria Cultural – que busca se apropriar agressivamente do mundo interno do indivíduo impondo suas ideologias de consumo – também pode ser interpretada como violência. Assim, tentaremos então compreender este fenômeno sob a ótica psicanalítica para desta forma relacioná-lo aos outros temas elencados neste estudo.

De acordo com Marin (2002), ao analisar a violência em suas diversas manifestações dentro dos pressupostos da psicanálise, deve-se ter em mente que ela é vista não apenas como um fenômeno isolado ou uma anomalia, mas um constructo psíquico, um componente que participa do processo de formação da subjetividade desde os primórdios da vida. De início, viemos ao mundo com uma inigualável sensação de unicidade, um estado *nirvânico* onde não há necessidades a serem supridas ou desejos a serem satisfeitos. A eventual descoberta do recém-nascido de que ele não é Um com o todo e tem suas próprias necessidades se dá a partir da própria mãe. Quando esta dá ao bebê exatamente aquilo que ele precisa – seja na forma de cuidados práticos como comida, higiene, sono, seja na forma de afeto, acaba por lhe fazer perceber sua necessidade de ajuda. Sem esse cuidado, ele não terá como aplacar as pulsões internas que gritam fome, sono, calor, sujeira, carência que agora sabe que tem. Esse

momento da realização do bebê de sua situação de terrível desamparo, é caracterizado como uma violência contra ele, responsável por tirá-lo de seu estado perfeito: a violência fundamental (Marin, 2002).

A realização da vulnerabilidade por parte do bebê não se dá apenas com relação as pulsões internas, mas também às externas, contrárias a ele. A partir da interação entre essas forças opostas, internas e externas, se forma o *eu*, que busca organizar todo esse excesso de estimulação ameaçador do equilíbrio, visando ou satisfazer as necessidades internas, ou desempenhando uma força capaz de superar àquela de fora que lhe violenta. O *eu* se distingue do ambiente externo, em um primeiro momento, a partir de um isolamento de tudo de ruim para fora do organismo: ele tenta, ao mesmo tempo, expulsar tudo aquilo que lhe for desprazeroso e manter as sensações prazerosas (MARIN, 2002).

Esse processo intrapsíquico da busca de uma perfeição que lhe foi tirada, se dá especialmente através de duas pulsões fundamentais. O impulso para construir e tornar possível relações com o mundo que se aproximem dessa perfeição, ou o impulso para destruir tudo aquilo que supostamente ameaça esse estado de perfeição: respectivamente, as pulsões de vida e morte, derivadas inicialmente da primeira violência, a fundamental, cometida contra o sujeito (Marin, 2002). Vale dizer também, que a tentativa de reavivar essa utopia perdida de unicidade por parte do *eu*, não passa despercebida pela Indústria Cultural e suas promessas idílicas de gozo ilimitado.

Contra o excesso de estimulação que ataca e ameaça o equilíbrio do organismo, o *eu* aprendeu a elaborar mecanismos de defesa. Para citar um exemplo, entre tantos que não temos tempo para nomear e descrever, temos o

recalcamento, talvez o mais primitivo, onde o evento que desencadeou a estimulação excessiva se torna inacessível, protegendo o corpo dessa estimulação. Na falta desses e de outros mecanismos de defesa o *eu* não encontra saída para lidar com toda a pulsão extrema dentro de si se não em uma externalização desse excesso pulsional e, para se livrar disso, ele direciona essa tensão para algo alheio a ele, passando dessa maneira, para a violência em ato, seja qual forma esta tomar, física, verbal, simbólica e outras. Em outras palavras, quando a subjetividade desprovida de mecanismos de defesa se vê ameaçada de aniquilação, ela aciona um movimento de tentativa de destruição deste outro que traz essa ameaça. Ameaça que representa muitas vezes aspectos renegados que ele não deseja enfrentar, a estranheza e inquietude advinda da presença de um outro tido como estrangeiro. Este outro pode ser ainda apropriado, por aquele que por ele se sente ameaçado, apenas como uma fonte para garantir o próprio gozo, sem levar em conta barreiras e organizadores sociais (Marin, 2002).

Dessa maneira, é lícito pensar que, embora a violência se constitua enquanto parte da formação do psiquismo humano e da personalidade, a sua passagem para um ato violento ocorre quando outros mecanismos de defesa falham ou sequer chegaram a existir. Esta falha ou ausência de estratégias do *eu* para lidar com as estimulações externas e internas, decorre de diversos fatores como a história de vida do indivíduo, as relações objetais, sua interação com os pais na primeira infância, o efeito dos fatores sociais tais como as regras de conduta, morais, a mídia em suas diversas plataformas, os grupos que o adolescente se insere, entre outros. A um *eu* que, em decorrência dos fatores citados, cujas estratégias de enfrentamento são escassas ou insuficientes, gerando a

passagem para a violência em ato, pode ser considerado fragilizado, que chamaremos aqui de *eu* debilitado (Caniato, 2009).

1.4 Caracterizando os relacionamentos abusivos

De acordo com Marques (2013), um relacionamento abusivo é uma relação afetiva de caráter cíclico em que a violência se repete e, no entanto, seus envolvidos permanecem na relação. Dos tipos de violência que se manifestam em uma relação abusiva, que pode ser sinônimo de violência conjugal, há a agressão física, a violência psicológica, violência sexual e a violência patrimonial. De acordo com as definições da Lei Maria da Penha nº 11.340, a agressão física consiste em ferir e causar danos ao corpo, é caracterizada por tapas, empurrões, chutes, murros, queimaduras, tiros, e outros; a violência psicológica, são “ações ou omissões que visam degradar, dominar, humilhar outra pessoa, controlando seus comportamentos, crenças e decisões através de intimidações e ameaças que impedem ou prejudicam o exercício da autodeterminação e desenvolvimento pessoal” (Soares *apud* Marques, 2013); violência ou abuso sexual compreende comportamentos que se enquadram nas definições legais para estupro e ataques físicos a partes sexuais do corpo da pessoa, além de demandas sexuais em excesso com a parceira ou parceiro desconfortável, controle e manipulação através do sexo que degradam a outra pessoa; a violência patrimonial ou abuso econômico corresponde a supressão econômica, evitando qualquer tipo de independência ou autossuficiência financeira para forçar uma dependência ao parceiro abusivo (Marques, 2013). A violência psicológica, silenciosa e cumulativa (Fonseca, Ribeiro e Leal,

2012), muitas vezes é mais presente do que os outros tipos e com inúmeras variações. Em um relacionamento abusivo, todos os tipos de violência podem surgir revezando-se ou ao mesmo tempo.

A autora ainda observa que o caráter cíclico dos relacionamentos abusivos se deve ao fato de que, ao invés de uma reação de afastamento de uma relação nessas condições, o que ocorre é a repetição dos eventos que levam à violência psicológica ou assédio moral: mesmo que a parte agredida ameace romper ou deixar a relação, permanece nesta que lhe é nociva – muitas vezes devido a persuasão por parte do agressor, incluindo promessas, gestos comoventes, apelações melodramáticas para a história do casal – e, por um período de tempo, as agressões desaparecem, ainda que eventualmente retornem. Em outros casos, a permanência é constante sem o período de calma, de ausência de agressões, até que eventualmente a situação encontra seu desfecho de forma extrema e sem retorno (Marques, 2013).

1.5 Desdobramentos subjetivos do cenário contemporâneo: o *eu* debilitado e os relacionamentos abusivos

O *eu* se torna debilitado, fragilizado, devido a certas relações com o mundo externo – entre estes, a indústria cultural, que toma esse lugar de mediação do psiquismo com o mundo para si. De acordo com Caniato (2009), historicamente a subjetividade, em um primeiro momento, provém da família, se tornando o canal para a construção desta. As primeiras relações da criança com os pais, com os irmãos (a família nuclear, de maneira geral, em suas inúmeras possibilidades de configuração), delimita progressivamente essa criação de

identidade, segundo a autora. Na pós-modernidade, entretanto, a família perde seu espaço privilegiado em meio aos processos identificatórios: as ideologias vigentes de consumo e bem-estar a destituem do *locus* identificatório, expondo as individualidades aos valores e ditames das instituições que difundem estes ideais. E a figura ou função paterna – de autoridade, não executada exclusivamente pelo pai – antes responsável pela ideia de realidade e da construção do *supereu*, é desmontada neste contexto pelo impacto que as instituições externas/agências administrativas capitalistas exercem no sujeito assumindo o controle sobre este. Em outras palavras, essas instituições assumem o papel de construção da ideia de realidade, impondo seus padrões normativos que exigem obediência. O *eu*, desmantelado assim pelas instituições burocráticas capitalistas, se torna debilitado e propenso a manipulações de percepção impostas pela indústria cultural visando a cultura do consumo; e o inconsciente, enquanto isso, se apresenta como vulnerável a uma parafernália ideológica que dirige as consciências. Os valores negociados são internalizados e tomados como próprios pelos indivíduos, formando mentalidades conformadas com o status quo de dominação (Caniato, 2009).

Em Caniato (2009), temos contato ainda com a concepção de uma extrema valorização do individualismo na atualidade. Há uma descrença no coletivo tanto por parte da indústria como das instituições públicas. Grande parte dos momentos em que as pessoas se unem e convivem são aqueles determinados pelo consumo, seja este por meio dos produtos vendidos nos *shopping centers* ou os grandes shows em que o artista e suas músicas são consumidos, entre outros exemplos. Nas instituições públicas, o ao excesso de

burocracia característico dessa época, a falta de auxílio por parte delas e da execução de suas funções, faz também com que os sujeitos se voltem para si mesmos em uma apatia social: o narcisismo clínico, de Sennett (1993). Neste conceito, a subjetividade corta laços com o exterior por desconfiança e só responde e submete-se a si mesma. E a cultura hedonista do consumo, onde o prazer momentâneo é colocado acima das outras coisas, também promove esse retorno da pulsão em direção ao próprio sujeito. Dessa forma, o mundo passa a ser significado somente a partir da vida intrapsíquica, e os limites entre o público e o privado se tornam nebulosos, já que para o *eu*, o outro apenas é reconhecido enquanto atua em seu prazer ou desprazer. A realidade não é enxergada à parte do sujeito, mas sim como apenas uma extensão da própria pessoa.

Vimos então que a fragilidade do *eu* ocorre enquanto consequência do desmantelamento do lugar central da família nos processos identificatórios dos indivíduos, devido a uma ascensão de instituições capitalistas que tomaram este lugar, como a Indústria Cultural. Uma vez que a subjetividade foi capturada pela ideologia consumista difundida por meio da Indústria Cultural, a primeira passa a se movimentar centrada no princípio do prazer, em detrimento do princípio da realidade, como deseja a segunda. O mundo é visto então a partir de um viés apenas com relação ao prazer ou sofrimento, o que Sennett chama de Narcisismo Clínico. Tal dificuldade em reconhecer a existência de um diferente de si torna o indivíduo excessivamente sensibilizado, fazendo com que simples respostas a ele como ataques contra sua própria individualidade (Caniato, 2009). Assim, ele lançará mão de quaisquer meios para eliminar essa suposta ameaça para submeter o outro a si mesmo ou destruí-

lo: agressões físicas e verbais, controle excessivo do comportamento do outro, humilhações, chantagem emocional, etc., em outras palavras, a violência em ato (Marin, 2002).

2. Discussão

A partir dos conteúdos estudados dentro dessa investigação, foi possível constituir uma linha de raciocínio acerca do surgimento do fenômeno dos relacionamentos abusivos entre os jovens. Conforme definido anteriormente, um relacionamento abusivo é uma relação afetiva com manifestações de violência com um caráter cíclico, que se repete e cujos participantes têm enorme dificuldade em desvencilhar-se (Marques, 2013). É importante notar, segundo Marques (2013), que as grandes vítimas deste fenômeno são em sua maioria mulheres – devido a uma cultura e sociedade moldadas a partir de um ideal patriarcal e machista que objetifica e estabelece funções e atitudes prévias sobretudo para a mulher. Devido a vulnerabilidade do período da adolescência, cujo final é difícil de se determinar (Gurski, 2012), uma mulher dentro dessa fase da vida estaria duplamente suscetível a se inserir em um relacionamento abusivo, enquanto jovem e enquanto mulher, o que pode lhe trazer consequências severas. As mulheres vítimas de agressão e abuso em seus diferentes tipos apresentam sequelas emocionais como diminuição da autoestima, transtornos alimentares, gastrointestinais, crises de pânico e ansiedade, e em situações mais extremas depressão e ideações suicidas (Marques, 2013).

Classificar as agressões contra um parceiro ou parceira como de fato violências, e não partes naturais e inevitáveis de relacionamentos, permite conferir a essa violência forma, caráter e funções específicos como parte do

psiquismo, e que, assim sendo, podem ser analisados como tal. A manifestação da violência neste contexto se deve sem dúvida a muitos fatores, entre os quais, consideramos que a Indústria Cultural desempenha um papel, conforme nos revelam Adorno e Horkheimer (1985). Seu poder de influência e manipulação aparentemente excessiva nos jovens na sociedade atual (Gomes, 2014) pode se dar também, como foi dito acima, devido a uma crise da autoridade familiar, uma vez que mesmo os adultos desejam comportar-se como adolescentes para enquadrar-se nos padrões ideais de consumo, e os jovens não tem a quem recorrer tanto para se espelhar como para se diferenciar (Gurski, 2012).

Assim, a Indústria Cultural assume este vácuo na construção subjetiva dos jovens, justamente oferecendo a eles modelos identificatórios – obviamente com o objetivo de enquadrá-los em categorias de consumo e de estimulá-lo – que os ensinam como se comportar nas mais diversas situações (Adorno, Horkheimer, 1985), incluindo, por que não, em um relacionamento afetivo. Mais que isso, a indústria cultural se estabelece enquanto mediadora do processo de relação do mundo interno com o mundo externo do indivíduo, inserindo nele visões enviesadas ou mesmo falsas da realidade, as quais o sujeito se apropria como se a ele pertencessem e dele tivesse partido (Caniato, 2009).

Considerando o material investigado e exposto, pudemos elaborar dois principais caminhos em que a influência da Indústria Cultural possivelmente perturba os relacionamentos a se tornarem abusivos. Mas um fator que é possível afirmar existir em comum para ambos os caminhos é um dos ideais difundidos pelas produções de massa, observado pela autora Regina Navarro

Lins (2017), o chamado “amor romântico”.

Desde meados década de 1940, quando o casamento por amor passou a ser uma perspectiva realista para um maior número de pessoas, tem sido divulgado como propaganda pelas produtoras de filmes de Hollywood um modelo de relacionamento afetivo construído a partir de um ideal de amor e felicidade. Este ideal, o do amor romântico, tão propagado nos mais diversos tipos de mídia se trata de um conjunto de crenças, valores e expectativas que determinam como devemos sentir e reagir em um relacionamento com outra pessoa, até mesmo de maneira inconsciente (Lins, 2017). “Somos condicionados, já na infância, a desejar viver esse tipo de amor. Aprendemos a acreditar que só é possível ser feliz vivendo um romance, que traz a ilusão do amor verdadeiro” (Lins, 2017, p.25). No amor romântico, se projeta no outro a pessoa ideal, deseja-se que essa pessoa hipotética preencha todos os requisitos; e quando a idealização se torna impossível pela convivência – na qual se conhece alguém em suas minúcias ao ponto de ser impossível atribuir a ela características inexistentes – vêm um desencanto que resulta em diversos tédio, sofrimento, a sensação de ter sido enganado, frustração e raiva do outro (Lins, 2017).

Retomando a elaboração dos caminhos citados acima, o primeiro entre duas das possibilidades nas quais um relacionamento afetivo, a partir da influência da Indústria Cultural pode vir a se tornar abusivo, é a de uma total idealização dos relacionamentos dentro dos padrões observados nas grandiosas histórias de amor midiáticas. Os romances, abordados nas obras como inevitáveis, invencíveis, atemporais, com seus participantes dentro dos padrões estéticos de beleza, têm suas

características apropriadas pelos sujeitos que desejam vivenciar um romance e uma vida como estas (e quem não gostaria?) já que foram subjetivados na crença de que só se poderia ser feliz dessa forma.

Lins (2017) cita ainda as diversas crenças problemáticas, e da ordem do impossível, muitas vezes presentes em um relacionamento idealizado. acredita-se que um deve ser sempre a única fonte de interesse para o outro, ou que as atividades diversas só teriam graça junto do outro, que quem ama não sentirá desejo sexual por mais ninguém, as duas partes se tornam apenas uma, etc (Lins, 2017). Além disso, cada sujeito cria, a partir de sua história pessoal, características ideais em uma pessoa para que o ideal do amor romântico se sustente. Quando estes altos e absolutos padrões não são alcançados, ou quando se descobre a partir da convivência diária que a pessoa não é como foi projetada e idealizada, surgem, como dito anteriormente, sentimentos e atitudes tidos como negativos decorrentes da frustração.

Mas a questão adquire novos contornos quando levamos em conta a questão do *eu* debilitado. Neste contexto, nos deparamos com um indivíduo cujo inconsciente, que devido a seu caráter de permeabilidade – e sem a mediação de um *eu* pleno em sua função – está totalmente capturado pelas ideologias da indústria cultural e reproduz os modos de viver nela aprendidos, consumistas e hedonistas (Caniato, 2009). Um *eu* que se volta completamente para si mesmo terá muitas vezes dificuldade em reconhecer o outro, e as menores manifestações de alteridade dessa pessoa que se apresenta para ele serão tomadas como ameaça ao *eu*, justamente pelo fato de não compreender um mundo que não faça parte de seu psiquismo. Neste tipo

funcionamento, concentrado de maneira predominante no princípio do prazer, observa-se uma ausência de capacidade de aprendizado de mecanismos defensivos mais complexos para reagir ao outro que supostamente tenta destruir, engolir, eliminar, anular etc. Sem muitos recursos, esse sujeito lançará mão da manifestação em ato da violência. Em outras palavras, ações excessivas voltadas a destruição, como o ódio, votos de morte, invasão do outro, indiferença, agressão, enfim tudo aquilo que pode servir naquele momento para eliminar a alteridade supostamente ameaçadora (Marin, 2005).

Assim, um indivíduo cujo *eu* foi capturado pelas ideologias consumistas da indústria cultural, um narcisista clínico (Sennett, 1993) enxerga nas meras ações cotidianas do parceiro idealizado, que provavelmente irão se contradizer à imagem ideal, uma ameaça a seu próprio *eu*. Sua necessidade de autopreservação colocará em um esforço para eliminar esses supostos ataques e ameaças contra sua própria individualidade, usando da violência em ato em suas diversas formas para eliminar essa alteridade que tanto o agride. Contudo, por conta do desamparo fortemente associado a juventude e ao ser humano contemporâneo (Marin, 2005), forma-se uma relação de codependência tão forte que mesmo em meio a toda essa violência manifesta, o casal dificilmente se sujeitará a solidão (Lins, 2017).

O segundo caminho para o qual a indústria cultural e seus produtos podem afetar as relações afetivas e contribuir para construir um caráter abusivo é a de uma internalização da violência mostrada nas mídias. Retomando Adorno e Horkheimer (1963), para que ocorra a captura da consciência pelo produto de massa, sua produção se

esforça e certifica-se de que o mundo real é reproduzido nos mínimos detalhes, para que, após o filme, por exemplo, o universo passe a ser enxergado a partir das lentes do filme. As ações dos personagens, mesmo que trejeitos à princípios insignificantes, ou atitudes menos sutis como o ato de consumir um *fast food*, uma cerveja, um cigarro, uma roupa de uma marca específica, são internalizados enquanto desejo pelos espectadores e apropriados como se partissem espontaneamente deles mesmos (Adorno, Horkheimer, 1963). Neste processo, a violência e o comportamento violento mostrado nos produtos culturais em uma tentativa de aproximação da realidade são também internalizados e apropriados pelo indivíduo em uma espécie de efeito colateral, como se isso fosse aproximá-los mais daquela estrela de cinema e da felicidade que ela supostamente traz.

De fato, as pulsões de destruição são aproveitadas pela mídia que – seja por buscar uma suposta aproximação da realidade ou pelo efeito de choque que atrai o olhar das pessoas – mostra cenas violentas e personagens cometendo atos excessivos e satisfazem essas pulsões que normalmente não encontram vazão em outras partes da vida (Marin, 2002). A violência, no entanto, é internalizada e reproduzida posteriormente em contextos semelhantes, ou na ocasião de o sujeito sentir a necessidade de algum mecanismo de preservação de sua individualidade e sua constituição psíquica não foi capaz de desenvolver recursos mais complexos. Como exemplo, e também como possível sugestão para fonte de investigação posterior a esta pesquisa, poderíamos citar as novelas brasileiras, onde basta sintonizar no canal transmissor e no horário que não tardará muito para que apareça cenas de casais discutindo intensamente e arremessando utensílios

domésticos e móveis pela casa. Conflitos inflamados na qual a família inteira toma parte assistindo, até mesmo para o caso de espancamentos, estupros e assassinatos.

Podemos observar que ambos os contextos não ocorrem necessariamente de maneira separada e poderão eventualmente aparecer simultaneamente nos relacionamentos abusivos e suas diferentes configurações. É preciso destacar também novamente a particular suscetibilidade do adolescente e do jovem frente a estas influências, e que tais caminhos destacados podem dizer mais a respeito deles – ainda considerando a indefinição do final da adolescência – do que de pessoas com a idade já avançada que foram criadas por vezes em contextos anteriores a difusão em massa dos produtos da indústria cultural, e que possivelmente a análise dos precursores dos relacionamentos abusivos nesta faixa etária seria um objeto de investigação para um outro momento. Como dito anteriormente, a partir de uma “juvenilização da cultura” ocorre uma crise de autoridade dos adultos no ambiente familiar, na escola e em outros (Gurski, 2012), e resulta em uma falta de modelos identificatórios no ambiente familiar e acadêmico para os jovens, contando ainda com uma observável decadência da figura paterna (Caniato, 2009). Para preencher esse vazio, o jovem se voltará as identificações que obtém da mídia do consumo, e, uma vez que seu *eu* aceita as versões da realidade impostas pelo produto sem muito pensamento crítico, ele terá como suas as ideias de amor romântico, de felicidade atrelada ao consumo exacerbado, enquanto meios legítimos de se comportar na sociedade e encarar a realidade. Além disso, poderá usar da violência em ato como um mecanismo de defesa do eu, conforme aprendeu na mídia, para lidar com as

frustrações e conflitos iminentes da convivência humana, e especialmente da idealização de um parceiro ou parceira (Lins, 2017).

3. Considerações finais

Este artigo, realizado a partir de um levantamento bibliográfico, procurou investigar as formas com que a indústria cultural pode estar relacionada a fenômenos do cotidiano, em especial este cujo as discussões vêm ganhando espaço, os relacionamentos abusivos entre os jovens. Como observado nas leituras realizadas, os relacionamentos pautados através do ideal de amor romântico, sustentado por sua vez pela indústria cultural, provoca frustrações e decepções devido ao seu caráter ideal e inatingível que torna a falha iminente e, esta falha, dentro dos funcionamentos primitivos e imaturos, pode produzir resultados catastróficos e mesmo fatais.

Por mais que outros fatores sejam cruciais para a ocorrência deste fenômeno, como tem sido observado que muitos praticantes de violência sofreram ou testemunharam estas quando crianças (Marques, 2013), não podemos deixar de notar a força com que a indústria cultural penetra na vida das pessoas em suas mais diversas esferas e muito menos minimizar sua importância, especialmente em um mundo quase que inteiramente globalizado. Ainda que sejamos de fato inundados por filmes como as comédias românticas que ensinam de maneira irresponsável, que mesmo bem-sucedida uma mulher necessita de um companheiro; como o polêmico “Cinquenta Tons de Cinza” (EUA, 2015), sucesso da década passada, cujo fator polêmico vai menos no sentido dos feitos sexuais absurdos que o *marketing* do filme prometeu e sim no fato de que o abuso psicológico é romantizado e se torna até desejável no filme; por letras de músicas como as de

sertanejo-universitário (e mesmo outros gêneros) que expõem não só um relacionamento possessivo e mesmo doentio, mas que o rompimento deve levar necessariamente ao abuso de álcool ou ao sentimento de completo vazio, sem muitas alternativas para manejar o sofrimento. Ainda que pareçamos estar “cercados por todos os lados”, a própria autora Caniato (2009), uma das referências para esta pesquisa, chama atenção para a falta de um senso crítico com relação aos conteúdos que a psique entra em contato, provocando assim uma apropriação total das ideologias transmitidas por esses produtos midiáticos, inclusive como se as ideias tivessem partido do próprio sujeito. É possível, portanto, fazer o raciocínio inverso e afirmar que o senso crítico é, de certa forma, uma poderosa ferramenta para afirmar um sujeito em oposição a uma cultura que difunde e banaliza a violência.

Referências

- Aberastury, A; Knobel, M. (1981). *Adolescência Normal*: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Adorno, T. W.; Horkheimer, M. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. (1985). Tradução Guido Antônio de Almeida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bauman, Z. *Amor líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. (2003). Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Caniato, A. M. P. *Subjetividade e Violência*: desafios contemporâneos para a psicanálise. (2009). Maringá: Eduem.
- Cinquenta Tons de Cinza. (2015). EUA: Universal Pictures, P&B.
- Fonseca, D. H. da; Ribeiro, Cristiane Galvão & LEAL, Noêmia Soares Barbosa. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 307-314.
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolescência e Saúde*;2(2):6-7.
- Gomes, V. R. R. *Adolescentes na contemporaneidade*: desamparo e laços fragilizados em meio aos “ideais” da sociedade de consumo. (2014). 159 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Gurski, R. (2012). *Três Ensaio sobre Juventude e Violência*. São Paulo: Escuta/clínica Maud Mannoni.
- Lins, R. N. (2017). *Novas Formas de Amar*: Nada vai ser como antes: grandes transformações nos relacionamentos amorosos. São Paulo: Planeta do Brasil.
- Marin, I. da Silva K. (2002). *Violências*. São Paulo: Escuta/Fapesp.
- Marques, T. M. (2005). *Violência Conjugal*: Estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos. 2005. 303 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Sennett, R. (1993). *O declínio do homem público*: as tiranias da intimidade. Tradução Lygia Araújo Watanabe. 3 Ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Soares, M. B. (1999). *Mulheres invisíveis*: violência conjugal e as novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Recebido em 2024-08-21
Publicado em 2024-08-30